

## O CARDÁPIO DE DOM QUIXOTE

### THE CUISINE IN DON QUIXOTE

POZA, José Alberto Miranda<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor do  
Departamento de  
Letras da  
Universidade  
Federal de  
Pernambuco.  
E-mail:  
ampoza@globo.com

**RESUMO** - Neste artigo serão abordadas algumas observações a propósito da culinária em *Dom Quixote*, obra que dá início ao romance moderno na literatura universal. O contexto histórico e social da Espanha imperial no qual se insere, e que contrapõe o mundo oficial triunfante à miséria e à pobreza reais que padece a maioria da população – quadro que já começou a ser desenhado no *Lazarillo*, onde o que prevalece, antes do que a comida, é sua falta, a fome –, encontra a culminação no contraponto de duas personagens que dialogam desde perspectivas opostas: dom Quixote – idealista, herdeiro da velha tradição espanhola, representante de uma nobreza em franca decadência – e Sancho Pança – pragmático, que representa a tradição popular de um rústico ‘homem de bem’ –, tudo às portas do que apenas um século depois representarão na Europa as ideias do Iluminismo e ainda da Revolução Francesa. Nesse contexto, as atitudes dos protagonistas com relação à comida irão desenhando a personalidade de cada um, mas, sobretudo, o que é mais importante, do que eles vêm simbolizar. Por fim, a multiplicidade de gêneros literários que Cervantes conjuga ao longo do romance permitirá ricas contribuições do ponto de vista cultural, pois denotarão os hábitos culinários da Espanha e não necessariamente circunscritos apenas à época do relato.

Palavras-chave: Literatura e culinária. Cultura e culinária. Dom Quixote.

**ABSTRACT** - This article deals with some observations on the cuisine in Don Quixote, a literary work which is responsible for the beginning of modern novel in world literature. The historical and social context of the Imperial Spain in which it is placed, and also opposes to the official world which is triumphant to actual misery and poverty that affect the most part of the population – a framework that already started to be designed in *Lazarillo*, where the prevailing thing before food is its lack, the famine – and it reaches its culmination in a counterpoint between two characters that dialogue from opposing perspectives: Don Quixote – an idealistic heir of the old Spanish tradition, a representative of a nobility in full decadence – and Sancho Panza – a pragmatic person who represents the popular tradition of a rustic 'honest man' – all before things that only a century later in Europe would represent the ideas of the Enlightenment and the French Revolution as well. In this context, the attitudes of the protagonists in relation to food will trace the personality of each of them but also will trace – above all of these – what is more important, what they come to represent. Finally, the multiplicity of literary genres that Cervantes combines throughout the novel grants precious contributions from the cultural point of view, because they denote the culinary habits of Spain which are not necessarily only bounded to the time of this report.

Keywords: literature and cuisine, culture and cuisine, Don Quixote.

Recebido em:  
04/06/2012  
Aceito em:  
20/10/2012  
Publicado em:  
05/05/2015

## 1. O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO EM *DOM QUIXOTE*

Para podermos falar em gastronomia num autor universal como Cervantes, e em especial, em *Dom Quixote*, é preciso refletir previamente sobre o momento histórico e literário correspondente à época em que foi publicada a primeira edição deste romance.

Em meados do século XVI, concretamente em 1554, é publicada em três cidades diferentes, Burgos, Amberes e Alcalá, uma obra intitulada *Lazarillo de Tormes*. Escrita em forma de autobiografia, o protagonista é um “pícaro” que vai passando por diferentes amos ao longo de sua vida. Ao mesmo tempo em que a realidade social da época, é feita uma sátira de certas situações alusivas ao clero e à nobreza.

Ao longo do século XVI, Espanha esteve governada por Carlos I e seu filho Filipe II. É a época do Império. A política exterior é brilhante e efetiva: avança e se assenta a colonização da América, e a ambiciosa política militar ao serviço do Vaticano obtém seu maior sucesso com a vitória em Lepanto ante os turcos. Porém, na política interior, a situação era bem diferente. As numerosas guerras iam desgastando progressivamente o país. O ouro trazido das Américas era insuficiente para equilibrar os custos das campanhas militares. A sociedade vivia uma época de tensão causada pela miséria e a fome que provocava essa situação.

Contudo, a política militar prosseguiu e o prejuízo para o conjunto da população foi ainda maior: os níveis de pobreza quase insuportáveis, o que deu lugar a situações que a literatura vai desenhar em suas criações. É assim que, especialmente na Espanha, aparece a figura do “pícaro”, garoto, por vezes órfão, que como Lázaro, vagabundeia pelas ruas à procura de esmola ou servindo como moço, imagem do cotidiano diante da indiferença das gentes. Em palavras de Blanco Aguinaga (1981, p. 271):

O autor do *Lazarillo* desvenda o que se oculta por trás de uma fachada aparentemente harmoniosa, apresentando-o de forma irônica, e a realidade da textura da vida espanhola de meados do século XVI se oferece ante nós de maneira descarnada e cruel [tradução nossa]

Não eram tempos ruins apenas para os de pobre condição. Também a nobreza se ressentia da nova situação social. A partir do século XIV, o regime feudalista e rural entra numa crise progressiva, consequência de novas formas de desenvolvimento social e, sobretudo, da aparição de um sistema social urbano que vai substituir as estruturas sociais medievais privilegiadas. Os comerciantes e banqueiros, os burgueses, passam a ser classes sociais pujantes na nova sociedade, condenando a velha aristocracia, que quase não pode

sustentar-se com as rendas, à desapareição e a uma vida de privações. Esse é precisamente o papel que, no terceiro capítulo da novela desempenha o escudeiro, fidalgo pobre, morto de fome como o seu criado e que vai enlaçar com a figura do fidalgo rural que representa Alonso Quijano, dom Quixote.

Portanto, é preciso falar de fome e não precisamente de comida, porque a vida de Lázaro está marcada desde sua infância pela fome, de um modo brutal, de maneira que esse tópico vai aparecer quase obsessivamente uma e outra vez no relato. Não em vão, Santo Agostinho afirmava em *Confissões*: “Porque a fome e a sede são sofrimentos: queimam e matam como a febre se os alimentos não lhe põem remédio” (2007, p. 106).

## **2. A INTERTEXTUALIDADE: LAZARILHO DE TORMES**

O primeiro amo do Lazarilho foi um cego. Vivia da caridade dos outros, mas tinha um relativo sucesso, especialmente com as mulheres, pois conhecia todo tipo de orações a santos para sanar qualquer doença (física ou psíquica). Porém, a fome, o espírito de conservação, desenvolve na personagem uma avareza sem limites:

Trazia ele o pão e todas as outras coisas num farnel de pano, que fechava pela boca por meio de uma argola de ferro com cadeado e chave. Era tão vigilante ao colocar as coisas ali dentro e tirá-las, contando tudo tão minuciosamente, que ninguém conseguiria tomar-lhe sequer uma migalha. Eu comia aquela miséria que ele dava em menos de duas bocadas. Depois que ele fechava o cadeado e se descuidava, pensando que eu estava distraído com outras coisas, eu descosturava o farnel por um dos lados, que depois voltava a costurar, e roubava não apenas pão, mas também bons pedaços de torresmo e linguiça. Dessa forma, aguardava a ocasião apropriada (...) para aliviar o diabo da fome que o maldito cego me impunha (*Lazarilho*, 2005, p. 41)

O cego não compartilha com Lázaro a partes iguais a arrecadação, entre outras coisas porque acredita que vai ser enganado pela astúcia do moço, aproveitando-se da sua cegueira. Estabelece-se assim uma relação de ausência total de solidariedade entre os protagonistas, que refletia perfeitamente a realidade social da época. É bem conhecida a seguinte passagem do texto que agora lembramos como exemplo palpável dessa condição que evocamos:

Aconteceu que, ao chegarmos a um lugar chamado Almorox na época da colheita das uvas, um vindimador deu-lhe um cacho delas como esmola. Como os cestos geralmente são maltratados e também porque a uva naquela época já estava muito madura, o cacho se desmanchava em suas mãos e, se o colocasse no farnel, viraria suco e poderia sujar as outras coisas. Decidiu, então, fazer um banquete, tanto por não conseguir carregar o dito cacho, como também para me contentar um pouco, pois naquele dia tinha me dado muitas joelhadas e pancadas. Sentamo-nos em um valado e ele disse:

— Agora eu quero ter com você uma liberalidade: vamos comer juntos este cacho de uvas, e que seja em partes iguais. Vamos reparti-lo da seguinte maneira: você pegará uma e eu outra, desde que me prometa pegar apenas uma de cada vez. Eu farei o mesmo até acabarmos com ele e, deste modo, não haverá engano.

Feito o trato, começamos; mas, logo no segundo lance, o traidor mudou o acordo e começou a pegar as uvas de duas em duas, pensando que eu devia estar fazendo o mesmo. Como vi que ele quebrava a promessa, não me contentei em ir a par com ele, passando-lhe adiante: de duas em duas, de três em três, abocanhava as uvas como podia. Acabado o cacho, ele ainda segurou por um momento o talo vazio e, balançando a cabeça, disse:

— Lázaro, você me enganou. Juraria por Deus que comeu as uvas de três em três.

— Não comi – disse eu –, mas por que o senhor suspeita disso?

Respondeu o esertíssimo cego:

— Sabe por que sei que você comeu as uvas de três em três? Porque eu as comia de duas em duas e você não reclamou (*Lazarillo*, 2005, p. 51)

O segundo amo de Lázaro será um clérigo; porém, não vai acabar a época de penúrias e da fome:

Escapei do trovão e topei com o relâmpago, porque, comparado com o clérigo, o cego parecia um Alexandre Magno, apesar de ser a avareza em forma de gente (...) Possuía ele uma velha arca, fechada à chave, a qual trazia atada a uma argola do capote. Tão logo chegava o pão das oferendas da igreja, ele o guardava na arca e tornava a fechá-la. Em toda a casa, não havia coisa alguma para comer, como costumava haver em outras casas, seja um toucinho pendurado no fumeiro, algum queijo secado sobre uma tábua ou, no armário, um cestinho com pedaços de pão que sobram da mesa. Penso que, mesmo que não pudesse tocar nessas coisas, vê-las já seria suficiente para me consolar.

Havia apenas uma réstia de cebolas, fechada à chave, num cômodo no alto da casa. Destas, eu tinha como ração uma a cada quatro dias e quando lhe pedia a chave para ir pegá-la, se havia alguém presente, ele metia a mão num bolso escondido no meio de suas roupas, pegava-a com grande cerimônia e me entregava dizendo:

— Tome e traga-a de volta logo. E cuidado com a gula! (*Lazarillo*, 2005, p. 67)

O terceiro amo é o escudeiro falido supracitado; ele é vaidoso, e vive obcecado pelo tema da honra – uma das preocupações comuns com o fidalgo manchego Dom Quixote –. Porém, o anônimo autor a honra com traços de vacuidade e de ridículo. Isso é a única coisa que fica clara a respeito da honra. E, ainda, o capítulo acaba com Lázaro abandonado pelo amo, foge dos credores:

Assim como contei, deixou-me o meu pobre terceiro amo, fazendo-me comprovar a minha má sorte que, voltando-se sempre contra mim, virava tudo de avesso. Tanto que, normalmente, os amos são abandonados pelos criados, e comigo isso não ocorreu: foi o meu amo quem me abandonou, fugindo de mim (*Lazarillo*, 2005, p. 147)

Embora esses traços especificamente característicos do capítulo, a fome continua presidindo o relato (ALVAR, MAINER & NAVARRO, 2002, p. 297-300). Por exemplo, o começo do tratado plasma magistralmente a lentidão do passo do tempo para o pobre Lázaro, que espera em vão a chegada do almoço com seu novo amo, o escudeiro:

**Era de manhã** quando encontrei este meu terceiro amo, que me levou atrás de si por boa parte da cidade. Passávamos pelas praças onde se vendia pão e outras provisões e eu pensava, e ainda mais desejava, que ele quisesse carregar-me com tudo o que ali se vendia, pois aquela era a hora apropriada em que se costumava prover do necessário (...) Desta maneira, andamos até que deram **onze horas**. (Lazarillo, 2005, p. 97, grifos nossos).

[Mais tarde] Eu ia com a maior alegria do mundo por ver que não tínhamos ocupado em procurar comida. Considerei que meu novo amo devia ser um homem precavido e que a comida já estaria pronta, bem como eu desejava e, ainda, dela tinha necessidade. **Nesse momento o relógio bateu uma da tarde e chegamos a casa**. (Lazarillo, 2005, p. 99, grifos nossos).

Por último, chega o desengano:

— Você, meu rapaz, já almoçou?  
— Não senhor – respondi –, pois ainda não **eram oito horas** quando com Vossa Mercê me encontrei.  
— Pois, embora fosse muito cedo, eu já tinha almoçado e, quando como algo assim, saiba que fico sem comer até **à noite**. Por isso, arranje-se como puder, que depois jantaremos. (Lazarillo, 2005, p. 101, grifos nossos)

Porém, à noite, a situação não mudou grande coisa:

— Lázaro, faz-se tarde e daqui até a praça há uma boa caminhada. Além disso, andam soltos por esta cidade muitos ladrões que, **à noite**, roubam a capa das pessoas. Passemos como pudermos e **amanhã, quando raiar o dia**, Deus haverá de nos prover. . (Lazarillo, 2005, p. 107, grifos nossos).

A realidade é que o nobre escudeiro não tem nada para comer nem como consegui-lo. Mas, ele tenta por todos os meios dar a aparência de nobreza que é, por sua vez, vencida ou desvendada pela fome:

Retirei-me para um canto do portal e tirei do peito alguns pedaços de pão que tinham sobrado das esmolas. Ele, vindo isso, dirigiu-se a mim:  
— Venha cá, rapaz. O que está comendo?  
Aproximei-me e lhe mostrei o pão. Pegou um pedaço, o melhor e maior dos três que havia, e disse:  
— Por minha vida! Este parece um bom pão!  
— (...) Está bom, senhor?  
— Sem dúvida – respondeu. — Onde você o conseguiu? Terá sido amassado por mãos limpas?  
— Isso não sei. Mas a mim não dá nojo o sabor que tem.  
— Rogue a Deus por isso – disse o pobre do meu amo.  
E, levando-o à boca, começou a dar-lhe mordidas tão ferozes como eu no outro pão.  
— Por Deus, como está saboroso este pão! – exclamou.  
Como percebi por onde ia a coisa, aprestei-me, porque vi que ele tinha tanta disposição que, se acabasse antes de mim, com certeza iria ajudar-me a terminar o meu pão. Assim, acabamos quase ao mesmo tempo. (Lazarillo, 2005, p. 103-105)

Aproximemo-nos de Cervantes e de seu *Dom Quixote*. Segundo Martín de Riquer (1983), *Dom Quixote* representa a culminação de um importantíssimo descobrimento do romance espanhol. É o *Lazarillo* o primeiro romance em que se encontra um exemplo do que

podemos chamar de caráter misto ou entreverado. O fidalgo do *Lazarilho* é grotesco, mas sentimos piedade dele, em palavras do crítico:

É [o fidalgo] completamente grotesco? Não: é uma mistura de grotesco e admirável. Esta mistura é completamente nova em literatura; é um dos traços que dividem dois mundos: o velho romance e o moderno. Creio que esse é um dos máximos descobrimentos da literatura espanhola (RIQUER, 1983, p. 14, tradução nossa).

Nesse sentido, o fidalgo do *Lazarilho* anuncia a figura de dom Quixote. Apenas a anuncia: era ainda local, limitado; havia algo de nobre e digno em seu fidalgo, mas ninguém poderia dizer que era sublime. Cervantes compreendeu com clareza que todos nós somos uma mistura, mas universaliza a imagem dessa ligação de forma que nos oferece nos caracteres de dom Quixote e Sancho uma representação da alma humana elevada à plenitude.

### **3. CULTURA E LITERATURA. OS HÁBITOS CULINÁRIOS E A COMIDA EM *DOM QUIXOTE***

Mas, comecemos pelo início. Nas primeiras linhas aparece esboçada a figura de dom Quixote: um fidalgo que mora no campo, com poucas propriedades, não muito trabalhador – “em seus momentos de ócio (ou seja, na maior parte do ano)” (CERVANTES, 2005, I-1, p. 46) –, e com uma baixa renda, reflexo da decadência das outroras castas sociais privilegiadas. Então, uma das formas de nos informar dessa realidade financeira do nosso personagem é, precisamente, através dos seus hábitos culinários:

Cozidos, em que havia mais de vaca que de carneiro; guisados na maioria das noites, duelos-e-quebrantos aos sábados, lentilhas às sextas, uma pombinha a mais aos domingos, consumiam três quartos de sua fazenda (CERVANTES, 2005, I-1, p. 45)

Vamos desvendar o que Cervantes quer realmente dizer através dessa apresentação culinária do protagonista. Dizer que no cozido havia mais de vaca que de carneiro significa que não estava sobrado de dinheiro, que economizava, porque a carne de vaca para cozer era mais barata. A tradução portuguesa do texto original fala de *guisados*, ali onde Cervantes escreve literalmente *salpicón*. E, na verdade, *salpicón* é um tipo de comida fria preparada com o que sobra do almoço do meio-dia: esta explicação léxica esclarece a condição financeira real de dom Quixote. Ele jantava – “na maioria das noites” – simplesmente o que sobrava do almoço, os restos (MIRANDA POZA, 2010). Com relação aos *duelos-e-quebrantos* nem sempre a crítica chega a concordar sobre o que realmente são; porém, a teoria mais estendida é que se trata de ovos fritos com torresmos ou com linguça. As lentilhas das sextas são um

prato popular na Espanha, embora no Brasil tenham um preço muito maior que o do feijão, por exemplo. A *pombinha a mais aos domingos* – “palomino de añadidura” no original espanhol – dá a entender o caráter excepcional – que é o que na verdade significa *de añadidura* em espanhol – desse tipo de comida, muito mais fina e distinguida do que as outras.

As referências à comida continuam aparecendo nas sucessivas páginas de *Dom Quixote*. Quando termina a jornada correspondente à sua primeira saída, nosso protagonista chega à pousada – que ele acreditava ser castelo – e, após, as apresentações grotescas diante das mulheres de dubitável moral que saíram a recebê-lo – para ele, damas da nobreza do senhor do castelo –, elas lhe perguntam se gostaria de jantar. Fomente – mais uma vez, a fome presente num texto literário da época –, dom Quixote responde:

—Jantaria qualquer coisa porquanto, ao que presumo, isso muito bem me faria. Quis o acaso que fosse a sexta-feira, dia em que não havia em toda a venda senão algumas rações de pescado que em Castela se chama “abadejo”; na Andaluzia, “bacalhau”; noutras partes, “curadinho”, e, em outras, “trutinha”. Perguntaram-lhe se porventura sua mercê comeria uma “trutinha”, pois não havia outro pescado para dar-lhe a comer.

– Se houver muitas “trutinhas” – respondeu dom Quixote –, elas poderão formar uma truta inteira, pois tanto dá que me paguem oito reais em moedas de um real, ou numa só moeda de oito. Ademais, é possível que as “trutinhas” sejam como a vitela, que é melhor que a vaca, ou como o cabrito, que é melhor que o bode. Seja como for, que venha logo, pois o trabalho e o peso das armas não se podem suportar sem o governo das tripas. (CERVANTES, 2005, I-2, p. 55-56).

Aparecem aqui alguns aspectos interessantes. O primeiro, o inveterado costume espanhol – e de outras culturas, por influência da religião católica – de não comer carne nas sextas-feiras, substituindo a carne pelo peixe – “quis o acaso que fosse sexta-feira, dia em que não havia em toda a venda senão algumas rações de pescado” –. Depois, o discurso de dom Quixote deixa entrever algo que não se corresponde com sua suposta índole heroica, precisamente, uma fome descomunal: “Jantaria qualquer coisa porquanto, ao que presumo, isso muito bem me faria (...) Seja como for, que venha logo, pois o trabalho e o peso das armas não se podem suportar sem o governo das tripas”.

Cervantes ainda se permite uma brincadeira linguística a propósito da comida: após uma revisão que poderíamos qualificar de léxico-dialetal a respeito das diferentes denominações que recebe um determinado tipo de peixe em diversas regiões espanholas – “em Castela se chama “abadejo”; na Andaluzia, “bacalhau”; noutras partes, “curadinho”, e, em outras, “trutinha” –, aproveita a forma que apresenta o diminutivo – trutinha – para colocar na boca de dom Quixote uma reflexão conformista numa situação de fome: se houver muitas trutinhas poderiam dar lugar a uma truta – pescado muito apreciado –, da mesma

forma, argumenta, que moedas fracionárias – no caso, oitos moedas de um real, valeriam tanto como uma moeda de oito –, critério de quantidade ligado às formas diminutivas; e ainda joga com o conceito de qualidade pelo valor mais apreciado dos manjares ternos: vitela melhor que vaca; cabrito melhor que bode. Então, a trutinha resultará ainda melhor que a truta.

Ademias, uma coisa não menos importante que faz parte do mundo da culinária, consiste nas atitudes à mesa, isto é, a cortesia, a educação. Por culpa das ridículas armas que porta, dom Quixote oferece um lamentável espetáculo nos modos de comer, que ele suporta para não romper sua indispensável celada – de novo, a honra das armas, como a honra da capa do fidalgo do *Lazarilho* (MIRANDA POZA, 2010, p. 137):

... mas era motivo de grande riso vê-lo comer, pois como trazia vestida a celada e alçada a viseira, nada podia levar à boca com as próprias mãos, a menos que outra pessoa ajudasse; assim, uma de aquelas senhoras se encarregou dessa tarefa. Dar-lhe de beber, porém, não era possível, e nem o seria, não fosse ter-lhe o vendeiro perfurado uma cana, pondo-lhe uma das pontas na boca, enquanto ia despejando o vinho na outra, e tudo isso aceitava resignadamente o cavaleiro, **a troco de não lhe romperem as cintas da celada** (CERVANTES, 2005, I-2, p. 56, grifos nossos).

Porém, ainda estamos nas primeiras páginas de *Dom Quixote*. A crítica não tem completa certeza de se, nesse momento, Cervantes já tinha concebido o conjunto da obra – falamos por enquanto, é claro, apenas da primeira parte –. Martín de Riquer (1983, p. 58-59) comenta a respeito que após o escrutínio e queima dos livros do fidalgo, que acontece no capítulo VI, acabava uma primeira versão de *Dom Quixote*, concebida como uma novela breve do mesmo estilo que as chamadas *novelas exemplares*. Com efeito, esses primeiros seis capítulos que constituem a primeira saída do protagonista têm uma evidente unidade por si mesmos. Tratar-se-ia de uma breve narração, muito semelhante ao *Entremés de los romances*, na qual o fidalgo enlouqueceria lendo livros de cavalarias, seria armado cavaleiro numa cerimônia de brincadeira, defenderia Andrés das iras de Juan Haldudo e no final seria espancado pelos mercadores e auxiliado por Pedro Alonso, quem o devolveria à aldeia. A condena e incineração dos livros de cavalarias, culpáveis do dano causado, fecharia essa novelinha.

É conveniente intercalar aqui algumas palavras a respeito do *Entremés de los romances*. Provavelmente entre os anos 1588 e 1591 um escritor anônimo, sem dúvida pertencente a um grupo hostil a Lope de Veja, escreveu uma breve peça assim intitulada, na qual, um infeliz lavrador chamado Bartolo enlouquece por ler demais o *Romanceiro*, e insiste em imitar a atitude, a linguagem e as proezas de seus heróis. Vira soldado e, acompanhado de seu escudeiro Bandurrio, sai em busca de aventuras. Quer defender uma pastora que é



importunada por um moço, mas este arrebatou a lança a Bartolo e dá umas boas pancadas nele, deixando-o deitado no chão. Bartolo, então, lembra o romance do Marquês de Mantua e declama os mesmos versos que Cervantes põe em boca de dom Quixote logo após a aventura dos mercadores toledanos: “Onde estais, minha senhora, / que não vos dói o meu mal?”

O parecido do *Entremés de los tomances* com o capítulo V da primeira parte de *Dom Quixote* é tão evidente que não há dúvida da relação que existe entre eles: Bartolo, louco pela leitura do *Romanceiro*, e dom Quixote, louco pela leitura dos livros de cavalaria, não só se comportam de uma forma semelhante, senão que ambos, após terem caído do cavalo e recebido uma surra com sua própria lança, lamentam sua desgraça declamando os mesmos versos. Os cervantistas do século XIX acreditam que o *Entremés* constituía a primeira imitação de *Dom Quixote*; na atualidade, porém, a crítica mais solvente considera que o fenômeno é inverso, e que Cervantes pôde ler ou assistir alguma representação do *Entremés*, e que isso lhe deu uma sugestão para desenvolver a matéria do capítulo V (MIRANDA POZA, 2010, p. 110). Para Riquer (1983, p. 56-57), em nada diminui o mérito nem a invenção de *Dom Quixote* o fato de Cervantes ter-se inspirado em uma obra de tão pouca importância e de tão escasso valor literário. O romancista soube elevar aquela pobre amostra de literatura bufa a um superior plano artístico.

Portanto, a personagem de dom Quixote que vai aparecer na segunda saída será diferente. Longe ficam os grandes solilóquios, próprios de quem cavalga na mais absoluta solidão. Agora, nosso herói irá acompanhado “de um lavrador seu vizinho, homem de bem (se é que se pode dar tal título a alguém que seja pobre), mas de muito pouco sal na moleira” (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-7, p. 87). O importante aqui é que a partir do capítulo VII aparece a imortal dupla e, com ela, o saboroso diálogo em eficaz contraste entre ambos personagens: o idealismo do mundo dos cavaleiros frente à realidade tangível; loucura idealizadora e sensatez elementar; cultura e rusticidade. A união dos caracteres de dom Quixote e Sancho representa a alma humana elevada à plenitude através de um jogo polifônico que se reflete na linguagem, nas ambições e na forma de pensar dos protagonistas e, também, na forma como abordam o tema da culinária. Logo depois da famosa aventura dos moinhos de vento, e após as explanações de dom Quixote a propósito de magos e encantadores que tomaram parte na aventura, o escudeiro lembra seu senhor de coisas *mais mundanas*:

Disse-lhe Sancho que era hora de comer. Respondeu-lhe o amo que, por enquanto, não tinha precisão; quanto a ele, comesse quanto melhor entendesse. Com essa licença, acomodou-se Sancho o melhor que pôde sobre o jumento e, tirando dos

alforjes o que neles pusera, seguia atrás do amo, caminhando e comendo bem devagar. De quando em quando, empinava a bota de vinho com tanto gosto que causaria inveja ao mais regalado taberneiro de Málaga. E enquanto ia repetindo daquela maneira os tragos, não se recordava de nenhuma promessa que lhe houvesse feito o amo, e não lhe parecia constituir qualquer trabalho, mas sim muito descanso, o andar assim em busca de aventuras, por perigosas que fossem (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-8, p. 93).

Um dos aspectos mais interessantes nesse fragmento é a menção do vinho como bebida popular na Espanha. Aqui se caracteriza a figura de Sancho como bom bebedor de vinho, tanto que ao beber esquece as penúrias e as grotescas aventuras vividas junto de seu senhor, e ainda a dureza da viagem pelas terras de La Mancha. E eis aqui que, de novo, achamos um traço que nos conduz à intertextualidade com o *Lazarillo*. Com efeito, mesmo sendo ainda moço, Lázaro nos revela em diversas passagens do texto sua afeição pelo vinho:

Eu, que já estava acostumado ao vinho, morria por ele (*Lazarillo*, 2005, p.43)

Depois de beber, convidou-me a beber também e eu, fazendo-me de educado, respondi:

— Não bebo vinho, senhor.

— É água – respondeu –. Pode beber à vontade.

Tomei o jarro e bebi. Não muito, porque não era a sede meu mal (*Lazarillo*, 2005, p. 105)

Esse hábito culinário passa a ser folclórico. Assim, uma das passagens mais celebradas do *Lazarillo* traz uma anedota relacionada com o vinho. Acontece no primeiro capítulo, quando Lázaro é criado do cego:

Quando comíamos, tinha o costume de colocar perto de si um jarrinho de vinho que eu, muito rapidamente, pegava, aplicava dois silenciosos beijos e devolvia em seguida. Mas isto durou pouco, pois ao beber ele dava pela falta de vinho e, para tê-lo bem a salvo, já não voltava a desgrudar-se do jarro. Mas não havia imã mais poderoso, que tanto para si puxasse, como eu com uma longa palha de centeio, especialmente adaptada para esse fim. Com ela metida pela boca do jarro, chupava o vinho e deixava o cego a ver navios. Mas como o safado era esperto, penso que descobriu tudo porque, dali em diante, mudou a forma de agir; colocando o jarro entre suas pernas e tapando-o com as mãos; assim, bebia tranquilamente.

Eu que estava acostumado ao vinho, morria por ele, e vendo que o artifício da palha de centeio já não servia, decidi fazer no fundo do jarro um burquinho muito discreto, que tapava delicadamente com uma fina camada de cera. Na hora de comer, fingindo sentir frio, metia-me entre as pernas do triste cego, para me aquecer junto ao pequeno fogo que tínhamos. O calor logo derretia a cera, que não era muita, e a fontezinha começava a destilar o vinho na minha boca, que eu abria de tal maneira que nenhuma gota se perdia. Quando o pobre ia beber, não encontrava nada; espantava-se, maldizia-se, praguejava contra o jarro e o vinho, sem entender o que acontecia.

— Não vai dizer que eu bebo o vinho, tio – dizia eu –, pois o senhor não tira a mão dele.

Tantas voltas deu no jarro, apalpando aqui e ali, que encontrou o buraco e descobriu a trapaça; mas dissimulou muito bem, fazendo de conta que não sabia de nada. No dia seguinte, estando eu disposto a beber meu vinho como sempre, sem sequer imaginar o castigo que o perverso cego estava preparando, sentei-me como de costume. Enquanto recebia aqueles doces tragos, o rosto voltado para o céu, os olhos

um pouco fechados para melhor saborear o agradável licor, o desesperado cego sentiu que era hora da vingança. E, com toda a força que tinha, lançou com as duas mãos aquele doce e amargo jarro, fazendo-o cair, como digo, sobre a minha boca. Assim ao pobre Lázaro, que nada disso esperava, ou melhor, que estava como de outras vezes descuidado e gozoso, pareceu-me verdadeiramente que caía sobre mim o céu e tudo o que nele há.

Tão forte foi a pancada, que fiquei tonto e perdi os sentidos. Tão grande foi o golpe, que o jarro espatifou-se e seus pedaços entraram no meu rosto, arrebatando-o em vários pontos e quebrando-me os dentes, sem os quais até hoje estou [...] Lavou-me com vinho os ferimentos que os pedaços de jarro tinham causado e, sorrindo, dizia: “O que acha, Lázaro? O que causou sua doença também cura e dá saúde”; além de outros gracejos nos quais eu não via nenhuma graça (*Lazarillo*, 2005, p.43-47)

Como indica Claudio Guillén (1966, p. 90), é possível apreciar nestas últimas palavras a expressão proverbial de origem bíblica: “Eu te faço morrer, e eu te faço viver; eu firo e eu amo (*Deuterônimo*, 32:39)”. Por sua vez, Alberto Blecua (2001, p. 102) diz que é provável que o autor do *Lazarillo* conhecesse o provérbio “lavas-me a cabeça depois de quebrada” e que teria servido como sugestão para este episódio do jarro do vinho.

Voltando a Cervantes e *Dom Quixote*, além do vinho, já foi aludida a oposição que ao longo da obra entre dom Quixote e Sancho Pança por meio do diálogo, e ainda, às vezes, através do diálogo culinário. No seguinte trecho, podem ser observados interessantes comentários de ambas as personagens em referência à comida, o que caracteriza a personalidade de cada um:

Vê agora se nos teus alforjes trazes algo que comamos, para que possamos partir logo em busca de algum castelo onde nos alojemos esta noite e façamos o bálsamo de que te falei (...)

— Trago aqui uma cebola, um pouco de queijo e não sei quantos nacos de pão – disse Sancho –, mas não são manjares dignos de tão valente cavaleiro como vossa mercê.

— Quão pouco entendes disso! – respondeu dom Quixote –. Faço-te saber, Sancho, que é honra própria de cavaleiros andantes passar sem comer durante um mês, ou, quando o fazem, que seja do alimento que acharem mais à mão (...) Por muitas que tenham sido [as histórias] que li, em nenhuma achei especificado o que houvessem comido os cavaleiros andantes, a não ser por acaso, em alguns suntuosos banquetes que lhes ofereciam; os demais dias, passavam-nos a flores. E, embora se subentenda que não podiam passar sem comer e sem satisfazer todas as outras necessidades naturais, porquanto, com efeito, eram homens assim como nós mesmos, deduz-se também que, andando a maior parte de suas vidas por ermos e florestas, sem cozinheiro, sua comida mais ordinária deviam ser viandas rústicas, tais como as que agora me ofereces. Assim, amigo Sancho, não te aflijas com o que seja do meu gosto, nem queiras criar um mundo novo, nem tirar dos seus eixos a Cavalaria Andante.

— Daqui por diante, encherei os alforjes de todo gênero de fruta seca para vossa mercê, que é cavaleiro; e, para mim, já que não o sou, proverei os alforjes de outras coisas voláteis e de mais substância (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-10, p. 106).

Sancho está tentando assegurar boa parte das provisões para si próprio, e encontra a escusa da qualidade da comida. Porém, dom Quixote lhe responde que o fundamental é o

espírito de serviço. Um cavaleiro pode mesmo suportar um jejum de um mês, e, se for preciso, comer fruta seca ou ervas. É então que chega a conclusão de Sancho: vai providenciar dois alforjes, um com fruta seca e com comida de pouca substância para o cavaleiro; outro, para ele, com coisas de mais substância.

Esse sentido de serviço do cavaleiro andante, de proximidade com as gentes humildes a quem se deve, vai se manifestar de novo com relação à comida no episódio dos cabreiros, de temática pastoril, ao modo do gênero dos chamados *livros de pastores* e que constitui um dos chamados *relatos intercalados* da obra. Dom Quixote e Sancho chegam ao anoitecer às choças de uns cabreiros que os oferecem gentilmente sua hospitalidade. Quando compartilham todos juntos o jantar, vendo dom Quixote que Sancho ficou de pé para lhe servir, disse:

Para que vejas, Sancho, o bem que encerra em si a Cavalaria Andante, e quão a pique estão os que em qualquer ministério dela se exercitam de vir brevemente a ser honrados e estimados do mundo, quero que te sentes aqui ao meu lado e na companhia desta boa gente, e que te irmanes comigo, que sou eu amo e natural senhor, comendo no meu prato e bebendo onde eu beber, pois da Cavalaria Andante se pode dizer o mesmo que do amor se diz: que todas as coisas iguala (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-10, p. 108-109)

Mesmo assim, Sancho reclama, pois ele prefere comer sozinho para poder ficar mais à vontade. Porém, dom Quixote não aceita tais argumentos e resolve a questão recorrendo à Bíblia (*Lucas, XIV, 11*): “Apesar de tudo, hás de sentar-te, pois a quem se humilha, deus exalta. E, tomado-o pelo braço, forçou-o a sentar-se junto dele” (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-10, p. 109).

Quando acabaram de jantar, pegando na mão um punhado de bolotas, dom Quixote pronuncia ante seu rústico auditório o famoso discurso sobre a Idade Dourada, onde reúne com gravidade umas vezes e com ironia outras, uma série de tópicos oriundos de autores clássicos e renascentistas sobre aquela época ideal na qual a bondade e a virtude imperavam no mundo. O sentimento de solidariedade – característico do labor do cavaleiro andante na visão de dom Quixote – é claramente palpável:

Ditosa idade e séculos ditosos aqueles a que os antigos chamavam de Dourados, não porque neles o ouro, que nessa nossa Idade do Ferro tanto se estima, se alcançasse então sem fadiga alguma, mas porque os que nela viviam ignoravam as palavras “teu” e “meu”. Naquela santa idade, eram comuns todas as coisas; ninguém precisava, para conseguir o ordinário sustento, ter outro trabalho que não o de alçar a mão e colhê-lo nos robustos azinheiros que liberalmente os convidavam, com seu doce e sazonado fruto...” (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-10, p. 109).

Mais uma nota culinária. Val Sánchez (1990) se pergunta: que comiam nossos antepassados ibéricos, além da carne que lhes proporcionava a caça? Naturalmente, os frutos das árvores, e dentre eles, o primeiro, as bolotas; depois, um pinhão do pinho e, talvez, ao mesmo tempo, as castanhas. Não há nenhuma dúvida da bolota – a mesma bolota que sustenta dom Quixote na sua mão enquanto pronuncia o discurso da Idade Dourada –, pois existem testemunhos que o referendam. A palavra espanhola “bellota” provém do árabe “bellot”. Dizem os autores clássicos que quando as bolotas estavam secas, amolavam-se para fazer pão com elas e que, frescas, se serviam como segundo prato. Ainda, Ford (1855), dizia que algumas senhoras espanholas de certa nobreza as comiam com guloseima na ópera e em outros lugares de reunião. De fato, em outra passagem de *Dom Quixote*, já na segunda parte, a esposa de Sancho Pança as envia como presente para a Duquesa, quem as havia solicitado por carta. Contudo, provavelmente aqui se trate de um exemplo de mais uma ironia cervantina:

Dizem-me que há aí excelentes bolotas de carvalho, envie-me umas duas dúzias, que as apreciarei muito, por virem da sua mão [...]

— E, no que se refere às bolotas, senhor meu, enviarei a Sua Senhora um celamim, pois as daqui são de fato tão gordas que até vem gente de fora para admirá-las (CERVANTES SAAVEDRA, II-50, p. 834).

Umás linhas acima, falávamos da estrutura da primeira parte de *Dom Quixote* com relação à concepção inicial que da obra teria o próprio Cervantes. Foi dito que, talvez, ele teria concebido inicialmente *Dom Quixote* como uma espécie de *novela exemplar* que concluiria no capítulo VI, dedicado ao escrutínio dos livros que compunham a biblioteca de dom Quixote. Dizíamos, ainda, que como consequência da decisão – feliz decisão, aliás – do autor universal das letras hispânicas de continuar a obra já iniciada, a concepção do personagem de dom Quixote iria mudar sensivelmente. Em primeiro lugar, devido à aparição de seu novo companheiro de viagem, Sancho Pança, que daria pé à irrupção do diálogo, caracterizador da personalidade de cada um; mas, em segundo lugar, a loucura do cavaleiro não será tratada da mesma maneira. Da absurda troca de personalidade que sofre dom Quixote quando fica espancado no caminho e é socorrido pelo vizinho, passamos a momentos de alucinação, de ficção, de fantasia – moinhos de vento, confusão de rebanhos de ovelhas com exércitos – misturados com momentos de lucidez extraordinária, até de sensatez, de autêntica sabedoria. A primeira manifestação desta mudança é precisamente esta que acabamos de apontar, o discurso dos cabreiros, que apenas oferece o contraponto do auditório – que assistem atônitos a fala de nosso protagonista, incluído o próprio Sancho – com o punhado de bolotas na mão, anedota ridícula e/ou irônica.

Nesse sentido, na segunda parte, quando, por burla dos Duques – no mesmo episódio onde se desenvolve a cena das bolotas já referida –, Sancho Pança é nomeado governador da “Ínsula Baratária”, dom Quixote lhe dá certos conselhos para ele ter um bom desempenho no exercício do poder presidido sempre pela justiça. Como o próprio Cervantes, no papel de narrador, reconhece na obra a modo de reflexão:

Quem, caso tivesse ouvido o passado discurso de dom Quixote, não o teria por pessoa muito sensata e melhor intencionada? De fato, como muitas vezes se disse no decurso desta grande história, ele somente disparava em se tratando de cavalaria. Nos demais assuntos mostrava possuir claro e desembaraçado entendimento, de maneira que a cada passo suas obras descreditavam seu juízo, e seu juízo a suas obras (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, II-43, p. 779).

Os conselhos de dom Quixote a Sancho Pança se agrupam em dois grandes blocos – que ocupam um capítulo cada um –: as instruções que não de enfeitar a alma e aquelas que não de servir para enfeite do corpo. Para as que formam parte do primeiro grupo, Riquer (1983, p.126) indica que Cervantes se baseou nos clássicos aforismos de Sócrates e outros que aparecem na obra de Juan de Castilla y Aguayo *El perfecto regidor* (1586), no *Galateo español* (1593) de Gracián Dantisco e provavelmente no *Galateo* do italiano Giovanni della Casa, que em 1585 foi publicado em espanhol. Já no segundo grupo de conselhos é onde aparecem as dicas a respeito da comida e ainda das atitudes a serem guardadas à mesa:

Não comas alhos nem cebolas, para que, pelo hálito, não se conheça a tua vilã condição [...] Almoça pouco e ceia menos, que a saúde do corpo se forja na oficina do estômago. Sê moderado no beber, considerando que o vinho em demasia não guarda segredo nem cumpre palavra. E cuida, Sancho, de não mastigar vorazmente, nem de eructar diante de ninguém.

— Isso de eructar não entendo – disse Sancho.

E dom Quixote disse:

— Eructar, Sancho, quer dizer “arrostar”, mas esse é um dos mais torpes vocábulos da nossa língua, embora seja muito significativo. Assim, a gente culta recorreu ao latim e, em vez de arrostar, diz eructar, e em lugar de arrostar, eructações. E mesmo que alguns não entendam esses termos, pouco importa, pois o uso os irá intriuzindo com o tempo, para que se entendam com facilidade. Isso é enriquecer a língua, sobre a qual têm poder o vulgo e o uso.

— Em verdade, senhor – disse Sancho –, um dos conselhos e avisos que penso guardar na memória será o de não arrostar, porque é coisa que costume fazer a miúdo.

— Eructar, Sancho, e não arrostar – disse dom Quixote.

— Direi eructar de agora em diante – respondeu Sancho – E à fé que não me esqueça (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, II-43, p. 780).

Essas mesmas dicas referentes à educação à mesa, à cortesia, já tinham aparecido em um capítulo anterior da mesma obra. Com efeito, do capítulo 30 ao capítulo 57 da segunda parte de *Dom Quixote*, os protagonistas são hospedados por uns Duques que tinham sua residência em Aragão. Na ficção, os Duques haviam lido a primeira parte de *Dom Quixote* e

conheciam, portanto, o fidalgo da Mancha e seu escudeiro. Ricos aristocratas, com uma verdadeira corte de servidores e criados, os Duques decidem aproveitar a visita de dom Quixote e Sancho para se divertirem, tomando os protagonistas à maneira dos bufões da corte. Com grande delicadeza, mas sem piedade em algumas ocasiões, dom Quixote e Sancho serão tratados pelos Duques tentando sempre que eles acreditem que estão vivendo no ambiente dos livros de cavalarias, usando sua fortuna e seu poder para criar uma complicada imitação do mundo dos antigos cavaleiros andantes que, sem necessidade de desfigurar a realidade, reviverão artificialmente dom Quixote e Sancho Pança (RIQUER, 1983, p. 119-122).

A primeira anedota que se refere diretamente à mesa ocorre no mesmo dia da chegada de dom Quixote e Sancho à residência dos Duques. É hora do jantar, e os comensais se dispõem a ocupar um lugar à mesa. Então, o Duque insiste em deixar o lugar da presidência a dom Quixote, o qual dá toda uma série de argumentos para declinar tão generoso convite em favor do anfitrião. Porém, o Duque lhe responde com outros não menos longos e razoáveis argumentos. Por fim, dom Quixote aceita ocupar a cabeceira da mesa:

Fizeram-se todos mil cortesias cumprimentos, e por fim, levando dom Quixote entre si, foram sentar-se à mesa. O duque convidou dom Quixote para a cabeceira, e embora recusasse, tantas foram as instâncias do duque que a teve de ocupar (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, II-31, p. 712).

Porém, Sancho não se sente satisfeito, e vai pedir intervir no pleito para contar um relato popular que, segundo ele, vem ao caso:

A tudo isto estava presente Sancho, boquiaberto e atônito por ver as honras que aqueles príncipes estavam dispensando a seu amo. Vendo as muitas cerimônias e rogos trocados entre o duque e dom Quixote para que este se sentasse à cabeceira da mesa, falou:

— Se suas mercês me dão licença, contar-lhes-ei um conto que se passou em minha aldeia, a respeito disso dos lugares.

Mal Sancho disse isto, tremeu dom Quixote, crendo sem dúvida alguma que ele iria dizer alguma asneira [...]

— O conto que quero narrar é este: Convidou um fidalgo de minha aldeia muito rico e muito nobre [...] um lavrador, pobre, mas honrado [...] Chegando o tal lavrador à casa do dito fidalgo convidante, [...] estando os dois para sentar-se à mesa [...] porfiava o lavrador com o fidalgo, para que este se sentasse à cabeceira, enquanto o fidalgo também insistia para que o lavrador o tomasse, porque em sua casa se havia de fazer o que ele mandasse, mas o lavrador, que presumia de cortês e bem-criado, recusava-se terminantemente a fazê-lo até que o fidalgo, amofinado, pondo-lhe ambas as mãos sobre os ombros, fê-lo sentar-se à força, dizendo-lhe: “Sentei-vos toleirão; onde quer que me sente, será aí a cabeceira”. Este é o conto, e em verdade creio que não foi aqui trazido fora do propósito.

Pôs-se dom Quixote visivelmente de mil cores, que lhe jaspeavam o moreno do rosto; os senhores não dissimularam o riso, para que dom Quixote não acabasse de ficar corrido, entendendo a malícia de Sancho (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, II-31, p. 712-714).

Ainda nesta mesma parte do romance, vai ocorrer uma das menções mais importantes que na obra se faz à culinária. É no capítulo XLVII, que trata da nomeação e posterior exercício de Sancho como governador da “Ínsula Baratária”. O Duque tenta converter em fugaz e fictícia realidade o maior sonho de Sancho: ser governador de uma “ínsula”, promessa que tantas vezes tinha feito dom Quixote. Sancho se dispõe a comer com toda a pompa que corresponde a um governador:

Cessando a música, sentou-se Sancho à cabeceira da mesa, porque só havia aquele assento, e nenhum outro serviço em toda ela. Postou-se de pé a seu lado um personagem, que depois se soube ser médico, com uma varinha de barbatana de baleia na mão. Levantaram uma riquíssima toalha branca com que estavam cobertas as frutas e uma grande diversidade de pratos, com várias iguarias. Um sujeito que parecia estudante deitou a bênção, e um pajem colocou em Sancho um babador rendado. Outro que cumpria as funções de mestre-sala, apresentou-lhe um prato de frutas como antepasto; porém, apenas havia Sancho provado um bocado, quando o da varinha, tocando com ela no prato, fez com que ele fosse dali retirado com enorme celeridade. Em seguida, o mestre-sala apresentou-lhe uma outra iguaria. Ia Sancho prová-la, mas antes que pudesse sequer tocá-la, já se lhe antecipara a varinha, e um pajem a recolhera com a mesma presteza que da outra vez. Vendo isso, ficou Sancho surpreso e, olhando para todos, perguntou se aquela comida era só para ver, não para comer, ao que lhe respondeu o da vara:

— Não se há de comê-la, senhor Governador, senão como é de uso e costume nas outras ínsulas em que há governadores. Eu, senhor, sou médico e estou empregado nesta ínsula para assistir os seus governadores. Zelo por sua saúde muito mais que pela minha, estudando dia e noite, examinando a compleição do Governador, para acertar em curá-lo quando cair enfermo. O principal que faço é assistir a seus almoços e ceias, deixando que coma o que me parece convir-lhe, e tirando o que imagino lhe possa fazer mal e ser nocivo ao estômago. Assim, mandei tirar o prato de frutas, por serem elas demasiado úmidas, e a outra iguaria também mandei tirar, por ser demasiado quente e ter muitos temperos, que aumentam a sede. Quem muito bebe, mata e consume o humor radical, no qual consiste a vida.

— Dessa maneira, aquele prato de perdizes que ali estão assadas e, a meu parecer, bem temperadas, não me fará dano nenhum [...]

— Essas não comerá o senhor Governador, enquanto vida eu tiver.

— E por quê? [...]

— Porque nosso mestre Hipócrates, norte e luz da Medicina, num aforismo seu, diz: “Omnis saturatio mala, perdices autem péssima”. Quer dizer: “Toda indigestão é má, mas a de perdizes, malíssima”.

— Se é assim – disse Sancho –, veja o senhor doutor, dentre os manjares existentes na mesa, qual me fará mais proveito e qual menos dano, e deixe-me comer dele sem me vir com essa vara, porque [...] estou morrendo de fome, e negar-me a comida, ainda que isso pese ao senhor doutor, e por mais que insista em contrário, antes será tirar-me a vida que aumentá-la.

— [...] Assim sou de parecer que vossa mercê não coma daqueles coelhos guisados que ali estão, por ser manjar peliagudo. Daquela vitela, se não fosse assada e adubada, ainda poderia provar, mas assim como está não é possível.

— [...] Aquele pratarrão que está lá adiante fumegando parece-me ser uma olha-podrida, e pela diversidade de coisas que em tais ensopados há, não poderei deixar de topar alguma que me seja de gosto e proveito.

— [...] Longe de nós vá tão mau pensamento. Não há coisa no mundo de pior digestão que uma olha-podrida! Vão tais guisados para os cônegos, ou para os reitores de colégios, ou para bodas campestres, e deixem livres as mesas dos governadores, em que deve primar todo primor e asseio [...] O que sei que deve comer agora o senhor Governador, para conservar e corroborar sua saúde, é um cento de canudinhos sem recheio e umas talhadinhas sutis de marmelada, que lhe



assentem o estômago e lhe ajudem a digestão (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, II-47, p. 806-809).

Quando Sancho é conduzido à mesa provida de manjares, experimenta – através da comida – a primeira decepção do poder e do mando: o médico encarregado de velar pela sua saúde lhe proíbe comer daquelas coisas de que mais gosta, reduzindo sua refeição a uma sã e estreita dieta. Sancho vai reagir violentamente, mas então entra um mensageiro para dizer que seus inimigos vão invadir a ínsula aquela mesma noite, simulando-se uma revolução ao final da qual Sancho fica com a convicção de que ele não serve para esse cargo.

Ainda mais uma observação culinária. Como “antepasto” ofereceram a Sancho Pança frutas, antes que as outras viandas. Este costume de tomar fruta não como sobremesa, mas como entrada é própria de algumas regiões da Espanha.

Não só isso. O que é, aliás, a “olha-podrida”? Dizíamos acima que a bolota, segundo os especialistas em gastronomia, era puramente ibérica. Mas o grão de bico foi sempre a base do cozido ou “puchero”, como é conhecido em algumas partes da Espanha, “olha-podrida” em outras. Conforme Val Sánchez (1990, p.160-170), a origem desse prato é cartaginesa. Para Camba (2010), a ideia de botar um pouco de cada coisa dentro do mesmo recipiente, em lugar de cozinhar cada coisa por separado e fazer um prato de sopa, outro de carne e outro de verduras, é uma ideia tão elementar que pode tê-la qualquer dona de casa, com muita família e poucos recursos em todos os lugares do mundo. Então, o cozido espanhol não é mais que uma variedade de um prato universal.

O próprio Val Sánchez, apoiando-se nas descrições que Ford (1855) elaborou para turistas ingleses como guia para suas viagens a Espanha, fala da preparação da “olha-podrida” nestes termos:

O cozinheiro tem que por os cinco sentidos no caldeirão, ou melhor, nos caldeirões, pois é melhor fazê-lo em dois: Têm que ser de barro, porque como o “pot-au-feu” francês, o prato não será o mesmo se é feito numa panela de ferro ou de cobre. Portanto, os dois caldeirões colocar-se-ão no fogo com água. No primeiro, colocar-se-ão os grãos de bico, previamente em remolho durante toda a noite, um bom pedaço de vaca ou boi, um frango e um pedaço grande de toucinho e se deixará cozer a fogo alto, para, em seguida, afastá-lo e que continue a fogo brando. Necessita quatro ou cinco horas para estar bem feito. No segundo caldeirão, colocam-se com água várias verduras à vontade: alface, couve, um pedaço de abóbora, alhos e pimentão. Depois, colocar-se-ão os chouriços – linguças – e um pedaço de cabeça de suíno defumada, a qual, como os grãos de bico, ficara em remolho na noite anterior. Quando tudo estiver cozido o bastante, escorre-se muito bem a água e joga-se fora. É importante tirar a espuma dos caldeirões. Uma vez tudo cozido, colocam-se as verduras na base de uma assadeira grande e, no centro, a carne acompanhada do toucinho, o frango e a cabeça de suíno. O chouriço colocar-se-á ao redor, formando uma coroa, e tudo se regará com caldo do primeiro caldeirão, servindo-se bem quente (VAL SÁNCHEZ, 1990, p.170, tradução nossa)

Essa é também a receita da “olha-podrida” que acostumavam tomar os cônegos e reitores de colégio. Ainda, existia o ditado popular: “Não há *olha-podrida* sem toucinho / nem sermão sem Agostinho”. Daí, as recomendações do médico a Sancho Pança governador: “Vão tais guisados para os cônegos, ou para os reitores de colégios, ou para bodas campestres, e deixem livres as mesas dos governadores, em que deve primar todo primor e asseio”.

Há outros momentos da obra que se fala de uma culinária muito especial e que pertence não à realidade, mas à ficção dos livros de cavalarias. Dom Quixote e Sancho, tendo sido espancados numa pousada onde se alojavam, jazem nos respectivos leitos sem saber com certeza o que tinha acontecido. Nesse momento, dom Quixote concebe a ideia de elaborar o “bálsamo de Fierabrás”, o qual, com seu poder extraordinário curará de seus ferimentos. A origem do bálsamo se encontra num cantar épico francês de 1170. Nele se narra como o rei sarraceno Balán e seu filho, o gigante Fierabrás, conquistaram Roma, saquearam-na e roubaram as sagradas relíquias, dentre elas, dois barris com restos do bálsamo com que fora embalsamado Jesus e que tinha o poder de curar as feridas de quem o bebesse (RIQUER, 1983, p. 72-73). Na Espanha, a lenda foi divulgada através de uma tradução de um texto em prosa baseado na história original, intitulado *Carlomagno y los doce pares de Francia, e de la cruda batalla que hubo Oliveros con Fierabrás, rey de Alejandría, hijo del grande almirante Balán*, publicada em Sevilha no ano de 1525 (OLEA, s.a.). Então, dom Quixote decide elaborar o bálsamo á base de uma mistura de vinho – mais uma vez, o vinho na tradição culinária espanhola –, azeite, sal e rosmaninho, que coloca numa azeiteira abençoando-a:

Afinal, [dom Quixote] recebeu os símplices e deles fez um composto, misturando-os todos por algum tempo, até que lhe pareceu estarem no ponto. Pediu um garrafão para guardar a mistura, mas como não havia um na venda, resolveu pô-lo numa almotolia de folha de lata, da qual lhe fez presente o vendeiro. Em seguida, rezou sobre a almotolia mais de oitenta padre-nossos e outras tantas ave-marias, salve-rainhas e credos, acompanhando cada palavra de um sinal da cruz, à moda de bênção [...] Feito isso, quis ele mesmo experimentar logo a virtude que imaginava ter aquele precioso bálsamo: bebeu o que não pudera caber na almotolia e sobrava na panela onde se fizera o cozimento, ou seja, quase meio azumbre [perto de um litro]. Mal acabou de beber principiou a vomitar, de maneira que nada lhe ficou no estômago, e, com as ânsias e a agitação do vômito, lhe sobreveio copiosíssimo suor, razão pela qual mandou que o cobrissem e o deixassem sozinho. Assim foi feito, e ele adormeceu por mais três horas, ao cabo das quais despertou e sentiu o corpo bastante aliviado, e a tal ponto melhor do seu quebramento, que se julgou curado, acreditando haver acertado verdadeiramente com o bálsamo de Fierabrás [...] Sancho Pança, que também atribuiu a milagre a melhora do amo, rogou a este que lhe desse o que ficara ainda na panela, e que não era pouco. Concedeu-lho dom Quixote, e ele [...] bebeu quase o mesmo tanto que seu amo. Sucedeu, porém, que o estômago de Sancho não devia ser tão delicado como o de seu amo, e assim, antes que vomitasse, lhe vieram tantas ânsias e náuseas, com tantos suores e vertigens, que ele chegou mesmo a pensar que havia chegado a sua última hora. [...] Foi então que a beberagem fez seu efeito, e o pobre escudeiro começou a desaguar-se por ambos os canais com tanta pressa, que a esteira de junco, sobre a qual voltara

a deitar-se, e a manta de sarapilheira com que se cobrira, ficaram imprestáveis. Suava e tressuava com tais paroxismos e acidentes, que não só ele, mas todos pensaram que estava dando adeus à vida. Durou-lhe essa borrasca e malandança quase duas horas, ao cabo das quais não ficou como o amo, e sim tão moído e alquebrado, que nem se podia manter (CERVANTES SAAVEDRA, 2005, I-17, p. 153-155).

Nem tudo será comida. Cervantes, através da figura de dom Quixote, não deixa passar outro dos tópicos dos livros de cavalarias: o cavaleiro, desesperado por um desdém amoroso ou de outro teor, retirava-se à solidão do bosque, onde se entregava à oração, ao jejum e à disciplina – penitência –, bem como a certa fúria demente que lhe fazia cometer uma variedade de desatinos. O tema, como lembra Riquer (1983, p. 88-89), aparece já em *Li chevaliers au Lion*, de Chrétien de Troyes, onde Yvain passa um longo tempo no bosque, junto a um ermitão, em estado semi-selvagem.

Chegamos ao final. Não seria bom num artigo que versa sobre comida, começar pela fome e terminar pelo jejum. É por isso que a última menção a obra universal de Miguel de Cervantes tratará de um episódio onde se descrevem os pormenores de um banquete celebrado com motivo de um casamento entre camponeses: *las bodas de Camacho*:

A primeira coisa que se ofereceu a vista de Sancho foi, cravada num espeto feito de um tronco inteiro de olmo, uma novilha inteira, e no fogo em que devia ser assada, ardia uma pinha média de lenha. Os seis panelões que se achavam ao redor da fogueira não se haviam feito no molde comum dos demais panelões, porque eram seis meias tinas, comportando cada qual um despropósito de carne, tanto que tragavam e encerravam em si carneiros inteiros, sem deixá-los à vista, como se não passassem de pombinhos. As lebres já esfoladas e as galinhas despenadas que se viam penduradas nas árvores, à espera de ser sepultadas nos panelões, eram sem conta, assim como também eram inúmeras as aves e veações de diversos gêneros, igualmente penduradas nas árvores para que o ar as esfriasse. Contou Sancho mais de sessenta odres, de mais de duas arrobas cada um, e todos cheios, segundo se viu depois, de generosos vinhos [**mais uma vez, o vinho**]. Havia rumas de pão alvíssimo, como costuma haver montes de trigo nas eiras. Os queijos, dispostos como ladrilhos em pilhados, formavam uma verdadeira muralha, e duas caldeiras de azeite, maiores que tinas de roupa, serviam para frigar massas que com duas valentes pás eram tiradas fritas e mergulhadas em outra caldeira de mel preparado, colocada junto dela [...] No dilatado ventre da novilha estavam doze tenros leitõezinhos que, cozidos por cima, serviam para dar-lhe sabor e amaciá-la. Os diversos gêneros de especiarias parecia não terem sido comprados às libras, mas sim às arrobas, estando todos expostos e franqueados numa grande arca. Em suma, o aparato das bodas era rústico, mas tão abundante que podia saciar um exército.

As pessoas que na Espanha são de cidade, e não do interior, dizem que quando se assiste a um convite na região rural, acaba-se com indigestão por vários dias. Nossos votos para isso não acontecer com os leitores do artigo.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALVAR, C.; MAINER, J.C.; NAVARRO, R. **Breve historia de la literatura española**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

BLANCO AGUINAGA, C.; RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, J.; ZAVALA, I.M. **Historia social de la literatura española (en lengua castellana)**. Vol. I. Madrid: Castalia, 1981.

CAMBA, J. **La casa de Lúculo o el arte de comer**. Madrid: Reino de Cordelia, 2010.

CERVANTES, M. de **El Ingenioso Caballero Don Quijote de la Mancha (I y II)**. Ed. J.J. Allen. Madrid: Cátedra, 1981.

CERVANTES SAAVEDRA, M. de **O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Macha**. Edição comemorativa dos 400 anos (1605 – 2005). Tradução, Prefácio e Notas de Eugênio Amado. Introdução de Lucílio Mariano Jr. Ilustrações de Gustave Doré. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.

CORREAS, G. **Vocabulario de refranes y frases proverbiales (1627)**. Ed. L. Combet. Revisada por R. James y M. Mir-Andreu. Madrid: Castalia, 2000.

FORD, R. **A Handbook for Travellers in Spain**. London: Jonh Murray, 1855. Disponível na Internet: [http://www.archive.org/stream/ahandbookfortra03fordgoog/ahandbookfortra03fordgoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/ahandbookfortra03fordgoog/ahandbookfortra03fordgoog_djvu.txt) . Com acesso em 08/11/2013.

HOROZCO, S. de. **Teatro universal de provérbios**. Ed. José Luis Alonso Hernández. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2005.

**La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades**. Ed. Alberto Blecua. Madrid: Cátedra, 2001.

**Lazarillo de Tormes, Edição de Medina del Campo, 1554**. Organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico Mario M. González. Tradução: Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2005.

*Lazarillo de Tormes and El Abencerraje*. Ed. Claudio Guillén. New York: Dell, 1966.

MIRANDA POZA, J.A. El léxico de germanía en **Rinconete y Cortadillo**. **Anuario de la Universidad Internacional SEK**, nº 5, 1999, p.237-249.

MIRANDA POZA, J.A. (org.) **Perspectivas y análisis sobre Cervantes y el Quijote**. Recife: PPGL / EDUFEPE, 2010.

PIAMONTE, N. **Historia del emperador Carlomagno y de los doce pares de Francia y de la cruda batalla que tuvo Oliveros con Fierabrás, rey de Alejandría, hijo del gran almirante Balan**. Ed. Humberto Olea M. (s.a.) Disponível na Internet: <http://www.olea.biz/files/CM/CarloMagno.pdf>. Com acesso em 09/11/2013.

RIQUER, M. de **Aproximación al Quijote**. Estella: Salvat Editores, 1983.

SANTO AGOSTINHO **Confissões**. Digitação: Maria Csernik. Disponível na Internet: [img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537\\_SantoAgostinho-Confissoes.pdf](http://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf) Com acesso em 05/11/2013.

VAL SÁNCHEZ, J.D. Sobre gastronomía en Valladolid. **Revista de Folklore**, nº 110, 1990, p.160-170.